

Pensamento crítico e educação popular

Rossana Cristiane Lopes Triano¹, Fabiana Rodrigues de Sousa²

hooks, bell. **Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática**. Tradução de Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

Nesta resenha da obra *Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática*, de autoria da teórica feminista negra bell hooks³ (2020), intencionamos desvelar as articulações entre a educação popular e o pensamento crítico. A autora foi uma teórica, professora e crítica cultural, cujos escritos são essenciais para a elaboração da pedagogia crítica e para o campo da educação popular.

O livro, objeto desta resenha, é considerado o segundo volume de uma trilogia pedagógica inaugurada com *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (hooks, 1994) e encerrada com *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança* (hooks, 2021). A obra permite uma discussão pertinente à atualidade: nela, em consonância com o movimento de denúncia e anúncios da educação popular, bell hooks (2020) denuncia o modelo neoliberal e conformista que assola a educação, ao mesmo tempo em que anuncia uma pedagogia ética e afetiva alicerçada na tradição freireana e no pensamento feminista negro, com um olhar para a formação de sujeitos críticos, conscientes e capazes de dizer a sua palavra (Freire, 2018).

A autora relaciona o pensamento crítico a uma pedagogia engajada que possibilita a cada educanda/o encontrar a sua voz:

Uma vez que a pedagogia engajada ressalta a importância do pensamento independente e de cada estudante encontrar a sua voz, que é única, esse reconhecimento geralmente empodera os estudantes. [...] A pedagogia engajada pressupõe que todo estudante tem uma contribuição valiosa para o processo de aprendizagem (hooks, 2020, p. 49-50).

¹ Doutoranda em Educação na Universidade São Francisco, São Paulo, Brasil. E-mail: rosstriano@gmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil; professora na Universidade São Francisco, São Paulo, Brasil; líder do Grupo de Pesquisa "Educação Popular, Participação Social e (Re)existências" na mesma instituição; vice-líder do Grupo de Pesquisa "Educação e Teorias Críticas Latino-americanas" na mesma instituição; relatora do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos na mesma instituição. E-mail: bianalhp@gmail.com.

³ Optamos pela grafia do nome da autora com letras minúsculas, em coerência com o posicionamento político adotado por ela ao intencionar o objetivo de visibilizar o conteúdo de suas obras, em detrimento do reconhecimento de si. Todavia, cabe destacar que essa escolha não implica dissociar a pessoa da obra, mas sim evidenciar a prioridade do que a autora almeja destacar.

A obra é composta por 32 breves reflexões/ensinamentos que refletem a trajetória de bell hooks na defesa de uma prática da educação crítica, ao possuir uma sabedoria eminentemente prática, direta e acessível. Nela, destaca-se a transformação de classe e da vida por meio do exercício do pensamento crítico compreendido como práxis, evidenciando a influência da ideia de Paulo Freire (2018) de educação como prática da liberdade e seu compromisso social:

Educadores progressistas continuamos a honrar a educação como prática da liberdade porque sabemos que a democracia prospera em ambientes onde o aprendizado é valorizado, onde a habilidade de pensar é a marca da cidadania responsável, onde a liberdade de expressão e o desejo de dissentir são aceitos e incentivados (hooks, 2020, p. 45).

A transformação social é abordada, no texto, com o objetivo de fomentar a imaginação moral e emocional da investigação crítica, resistindo à ideologia neoliberal que toma a habilidade técnica e a objetividade como pilares das práticas pedagógicas e curriculares. O argumento com o qual o livro inicia-se é que uma pedagogia que tente reavivar a relação entre mente e coração deve ser desenvolvida por educadores e educadoras, pois, sem questionamento crítico e amor pedagógico, há pouca esperança para a mudança educacional e social ou para a construção de comunidades democráticas de aprendizagem. Desse modo, bell hooks (2020) se aproxima da noção de amorosidade desenvolvida por Paulo Freire (2018) em sua *Pedagogia do oprimido*.

O ensino do pensamento crítico é apresentado como elemento indissociável de uma pedagogia comprometida com a justiça social e a liberdade. Logo, o diálogo com Paulo Freire (2018) e com os princípios da educação popular está no centro da argumentação de bell hooks (2020), que retoma a concepção freireana de educação como prática de liberdade para refutar a “educação bancária” centrada na mera transmissão de conteúdo. Para a autora, “o cerne do pensamento crítico é o desejo de saber – de entender como a vida funciona” (hooks, 2020, p. 31). Assim, o pensamento crítico não pode ser reduzido a uma ferramenta acadêmica, uma vez que envolve uma atitude diante da vida, bem como a capacidade de questionar e criticar o real, o conhecido e o poder.

As ideias apresentadas por bell hooks (2020) são categorizadas em três eixos temáticos para análise. O primeiro, “as fundações do pensamento crítico: ato, ação e crítica estrutural”, trata do conceito de pensamento crítico como ato político e resistência às estruturas de dominação. As categorias abordadas nesse eixo são: pensamento crítico, educação democrática,

pedagogia engajada, descolonização, propósito, imaginação, revolução feminista, além da raça e do gênero, honrando professoras/es contra o ensino e o ensinar — profissão profética.

A autora relaciona o pensamento crítico à pedagogia engajada, defendendo uma posição que transcende as habilidades acadêmicas para a assunção do compromisso político com a transformação social; enfatizando, nesse sentido, a importância das práticas de descolonização, da revolução feminista e de uma educação que valorize as experiências de educadoras/es e de educandas/os como sujeitos históricos e sociais (hooks, 2020).

Para bell hooks (2020), raça, gênero e classe são incluídos no pensamento crítico e, portanto, a interseccionalidade é considerada essencial para o reconhecimento de um complexo conjunto de opressões e atos de resistência. Essa percepção ressalta que a educação ultrapassa a transmissão de conteúdo; antes, se configura como um ato político de resistência e de busca pela criação de uma sociedade mais justa, tal como se defende no campo da educação popular.

Identificando-se com Paulo Freire (2018), bell hooks (2020) menciona que pensar e agir são, em si, um desafio à passividade do sistema bancário. A base da educação como prática da liberdade é a educação democrática alcançada pelo exercício de uma pedagogia engajada, tendo como fim a justiça social — o que, por sua vez, pode resultar na revolução feminista e no desafio de desconstruir as desigualdades assentadas nas identidades racial, de gênero e de classe. Nesse contexto, bell hooks (2020) defende que o ofício docente tem uma dimensão profética que alude à possibilidade de vislumbrar futuros possíveis que se aproximam da concepção dos inéditos-viáveis de Paulo Freire (2018).

Como afirma bell hooks (2020), a apreensão desses inéditos-viáveis se faz possível somente pela práxis, ou seja, por meio de um processo permanente de ação-e-reflexão da e acerca da prática. Afinal, “todos seríamos muito mais bem-sucedidos em nossas lutas para acabar com o racismo, o sexismo e a exploração de classe se tivéssemos aprendido que a libertação é um processo contínuo” (hooks, 2020, p. 57).

O pensamento crítico, nesse sentido, desempenha o papel de propulsor da descolonização do pensamento e, dessa maneira, bell hooks (2020) afirma que a educação convencional, muitas vezes supremacista, branca e capitalista, propaga imagens e narrativas impostas, que escravizam a mente e dificultam a compreensão de uma realidade multifacetada. Sendo assim, é tarefa de educadoras/es críticas/os possibilitar a desconstrução dessas estruturas hegemônicas.

A educação neoliberal e conformista, que reduz o conhecimento a uma mercadoria e prioriza a legitimação do modo de produção capitalista, em detrimento do sujeito e da mudança social, é criticada pela autora. Para ela, “a imaginação é uma das formas mais poderosas de

resistência que os oprimidos podem usar e usam” (hooks, 2020, p. 105), implicando que o pensamento crítico é, também, um convite à imaginação.

No segundo eixo do livro, “a ética do cuidado e a subjetividade na sala de aula”, bell hooks (2020) aponta a importância de considerar as emoções, o afeto e o bem-estar de educandas/os para criar um ambiente de aprendizagem seguro, acolhedor e democrático. Esse eixo está voltado a categorias como integridade, colaboração, humor na sala de aula, tempo para chorar, conflito, toque, amar de novo, autoestima, espiritualidade, transformação feminista e conversas sobre sexo.

Ademais, esse eixo trata de uma pedagogia do amor pela qual a racionalidade neoliberal é questionada; em outras palavras, assume-se que o ético, o emocional e o afetivo são fundamentais para o desenvolvimento do pensamento crítico. Argumenta-se que o pensamento crítico será impedido pela disjunção entre razão e afeto, pois a autoestima e a saúde emocional são necessárias para o questionamento e o engajamento críticos.

Nesse sentido, bell hooks (2020) observa que o medo é um impedimento chave para o pensamento crítico e, nesse sentido, é papel do/da educador/a estabelecer uma sala de aula segura e respeitosa, na qual a subjetividade é apreciada e a liberdade de pensar, falhar e desafiar é valorizada. Dessa forma, uma prática de resistência à opressão se desenvolve a partir de uma ética do cuidado e de uma preocupação com o bem-estar emocional, possibilitando o movimento em direção a uma pedagogia que conecta a liberdade intelectual ao amor.

A autora argumenta que uma ética do amor, isto é, uma ética de compromisso, respeito e cuidado, é a base necessária para erigir uma educação crítica (hooks, 2020), de tal modo que a subjetividade e a diversidade de educandas/os serão aceitas caso as/os educadoras/es sejam críticas/os consigo mesmas/os. Essa dimensão ética e emocional é constituída como o quadro para a aprendizagem transformadora, cuja base não pode ser outra senão a superação da dicotomia razão-afeto. A integridade e a colaboração docente são vistas como os pilares de uma “pedagogia do amor”, na qual o cuidado é considerado uma condição para a cidadania crítica e comprometida.

Por último, destaca-se o terceiro eixo, “prática docente, vozes minoritárias e o poder da narrativa”, no qual a autora aponta concepções e experiências de educandas/os, especialmente as/os de grupos minoritários, que devem ser consideradas/os como fontes epistemológicas válidas de teoria e resistência (hooks, 2020). Isso permite a valorização da narração e da experiência como crítica social e pedagógica de uma práxis que articula, efetivamente, teoria e prática. Os ensinamentos e categorias que compõem esse eixo são: conversação, contar

histórias, compartilhar histórias, palestrar ou não, negra, mulher e acadêmica, aprendizado que supera o ódio, sabedoria prática, o prazer da leitura, vida intelectual e a escrita de livros infantis.

Nesse horizonte, bell hooks (2020) observa que é inerente à “sabedoria prática” pensar sobre a experiência de educandas/os, bem como o exercício do diálogo e da narração como estratégias de resistência cultural e de construção de uma sala de aula democrática. Para ela, reinstaurar as vozes silenciadas e encobertas pela lógica da colonialidade demanda o conhecimento da linguagem desses sujeitos que foram e/ou são proibidos de ser (Freire, 2018; hooks, 2020), uma vez que o diálogo, a narração e o compartilhamento de experiências oferecem uma alternativa às práticas comunicativas tradicionais do contexto escolar, constituindo uma forma diferente de produção de conhecimento.

O pensamento crítico, desse modo, possibilita a tomada de consciência de educandas/os acerca da interseccionalidade, ou seja, da articulação das estruturas de raça, gênero e classe e de como o imbricamento dessas estruturas afeta suas vidas e o acesso ao conhecimento. Assim sendo, bell hooks (2020) propõe que o ensino deve potencializar a reflexão crítica acerca dos textos, mesmo aqueles de autoras/es racistas e sexistas, permitindo que educandas/os reflitam sobre o conteúdo opressor para que se tornem aptas/os a questionar e confrontar os discursos hegemonicamente dominantes, em vez de consumi-los passivamente.

Ademais, a autora argumenta que “as ideias estão sempre circulando. Elas se renovam quando nos envolvemos em reflexões críticas internas, em conversas internas que dão expressão nova a um pensamento comum” (hooks, 2020, p. 85-86). Por essa razão, a autora defende que a leitura e o conhecimento se apresentam como um caminho viável para potencializar a criticidade dos sujeitos. Além disso, ela defende que escrever e ler as próprias experiências são processos que atravessam a interseccionalidade e possibilitam que educandas/os desenvolvam o pensamento crítico.

Concluimos, portanto, que o valor acadêmico da obra é encontrado na articulação entre o pensamento crítico e o movimento de práxis (ação-reflexão-ação), com embasamento nas teorias referenciadas (legado freireano, feminismo negro, teoria crítica). A obra reflete acerca de um debate fundamental no campo da educação democrática ao problematizar os desafios para o desenvolvimento da criticidade e da não passividade em processos de produção de conhecimento — desafios que se ampliam no contexto da propagação das Inteligências Artificiais Generativas (IAGen), da plataformização e do empresariamento da educação.

Dessa maneira, o pensamento crítico se apresenta como caminho viável na busca pela justiça social, configurando-se como possibilidade de resistência ao neotecnicismo e ao utilitarismo neoliberal que assolam a educação. Afinal, como exposto na obra, não é possível

desenvolver mentes livres sem passar pelos caminhos da cura emocional e da recuperação da autoestima; sobretudo, para nós — latino-americanas/os — que fomos submetidas/os aos efeitos nefastos da colonização e da colonialidade do poder/ser/saber e de gênero. Assim sendo, a sabedoria prática, em vez de apresentar técnicas do que e de como ensinar, nos convida a ousar pensar no ato de ensinar como uma prática de esperança e coragem em direção ao “ser mais” de Paulo Freire (2018).

Dessarte, tanto para educadoras/es quanto para educandas/os, é uma leitura indispensável para quem deseja tornar a sala de aula uma comunidade de aprendizagem amorosa e espaço-tempo de resistência democrática. É, portanto, um convite à coragem, ao engajamento e à renovação constante da esperança na educação como prática libertadora.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Nova Iorque: Routledge, 1994.

hooks, bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

hooks, bell. **Ensinando o pensamento crítico**: sabedoria prática. Tradução de Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

Submetido em 5 de março de 2026.

Aprovado em 23 de abril de 2026.